

“Exterminem todos os malditos”: passado e presente da retórica genocida europeia

Rebecca Hodesh Muniz de Souza Rozas

Universidade Estadual de Campinas
Campinas, São Paulo, Brasil

Recebido em: 15 ago. 2024

Aprovado em: 11 out. 2024

Aprovado em: 31 dez. 2024


Avaliado Internamente pela Equipe Editorial.

Resumo

Resenha de: LINDQVIST, Sven. *Exterminem todos os malditos*: uma viagem ao coração das trevas e à origem do genocídio europeu. Tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Fósforo, 2023. 248 p.

Palavras-chave: Resenha. Raça. Autoritarismo. Imperialismo. Holocausto.

* Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em História Social e graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rebeccarozas@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0004-7742-7667>

 <http://lattes.cnpq.br/9891809268301846>

Auschwitz foi a aplicação industrial e moderna do extermínio sobre o qual a supremacia mundial da Europa desde muito tempo repousava.

Lindqvist (2023, p. 154).

Exterminem Todos os Malditos é o resultado do esforço intelectual de Sven Lindqvist (1932-2019) em perseguir a genealogia do “pensamento exterminatório” europeu. Para o autor sueco, um momento específico da história literária ocidental demonstra o adensamento deste pensamento no imaginário político e cultural das metrópoles europeias: o lançamento, em 1899, de *O Coração das Trevas*, romance canônico escrito pelo britânico de origem polonesa Joseph Conrad. A partir de uma frase proferida pelo personagem Kurtz sobre a “tarefa civilizatória” dos homens brancos nas colônias, Lindqvist tece uma rede de conexões a fim de desvendar a retórica imperialista que legitima, ainda hoje, a barbárie genocida. Originalmente, a frase diz: “*exterminate all the brutes*”.

Publicado originalmente em 1992, mas traduzido no Brasil apenas em 2023, o livro se constrói entre a escrita ensaística, o relato de viagem e a autobiografia, o que atribui um caráter etnográfico à abordagem do problema. É uma hibridez que reflete a interdisciplinaridade do autor – Lindqvist foi escritor, poeta e doutor em História da literatura –, assim como sua capacidade de relacionar ideias e ancorá-las numa densa investigação histórica e arquivística. De modo geral, Lindqvist cria uma tensão entre o relato de sua viagem pelo Saara nos anos 90 e as representações descritas de África e dos africanos praticadas sob a ideologia imperialista do século XIX. Numa passagem, o autor diz: “seriam esses os selvagens que Darwin imaginou que nós, brancos civilizados, haveríamos de exterminar? É difícil imaginar quando você está sentado ao lado deles no microônibus” (p. 101).

Entre as paisagens do deserto e hotéis ermos, conhecemos Lindqvist no início do livro como um pesquisador solitário acompanhado de seu computador e disquetes de três décadas atrás. Ele está em busca de dar sentido à questão que norteia o seu trabalho: o planejamento, a execução e os genocídios levados a cabo pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial não são acontecimentos excepcionais. A política de expansão nazista teria unido o antissemitismo e a prática de extermínios em massa surgida durante os séculos de empreendimento colonial — duas tradições europeias.

Ainda que Lindqvist considere que *O Coração das Trevas* não possa ser imediatamente encarado como a representação universal do Imperialismo europeu devido às condições únicas do Congo sob o regime belga, durante os meses em que Conrad escreveu sua estória coisas similares, e até piores, aconteciam em outros territórios coloniais. “Na prática”, diz o autor, “toda a Europa comportou-se de acordo com a máxima “exterminem todos os malditos”.

Assim, dentre os principais argumentos do autor, o primeiro que se destaca procura expor como a mentalidade por trás da frase em questão faz parte de uma retórica civilizatória que se tornou hegemônica no universo cultural e político da Europa ocidental a partir da segunda metade do século XIX, com a consolidação de uma epistemologia racista.

Lindqvist percorre a retórica da frase “exterminem todos os malditos” buscando pensar: quais circunstâncias permitiram a Conrad escrever *O Coração das Trevas*? Sabemos que Conrad teve uma passagem como capitão de navio comercial no Congo Belga em 1889, mas quais romances, diários de viagens e artigos ele e sua geração liam? Quais imagens viam nos periódicos ilustrados? E com quem Conrad gostaria de dialogar ou criticar? Postas estas perguntas, talvez uma das maiores contribuições do livro seja o desvendar de uma importante lógica da memória enquanto fenômeno determinado cultural e socialmente — apesar deste debate teórico não ser abordado. Esta lógica diz respeito à “medialidade da memória”, ou seja, à forma como os meios criam e atualizam representações, imagens e narrativas que enquadram nossa imaginação temporal e espacial, além dos nossos modos de recordação.

Para responder às perguntas acima, Lindqvist tece uma rede de discursos relacionados à questão colonial que circularam na esfera pública europeia dos anos 1880 e 90. Ele eleva o peso destas representações na imaginação metropolitana ao pontuar que os agentes coloniais exerciam o poder sem que houvesse controle por parte da opinião pública doméstica. Assim, podemos pensar, por exemplo, de que modo as comemorações do retorno de Stanley em 1889 após uma expedição de três anos no Congo impactaram a imaginação de Conrad (e das elites europeias) sobre a África que ele ainda iria adentrar, e como a experiência africana apresentou outra realidade ao escritor polonês. Quando oito anos mais tarde Conrad publica no periódico britânico *Cosmopolis* a novela crítica ao colonialismo *Um Posto Avançado do Progresso*, ele se situa em meio ao profuso debate público crítico ao embrutecimento do terror perpetrado por Leopold II no Congo. Apesar disto, Lindqvist relembra que não podemos nos precipitar e afirmar que o trabalho de Conrad seja anticolonial em algum sentido, leitura similar à interpretação de Chinua Achebe (2016) feita em 1977. Conrad pode até parecer demonstrar compaixão para com os africanos, mas continua negando-os o estatuto de seres humanos. Ao construir uma ideia de África como o inferno que leva os europeus à ruína e à loucura, ele reproduz a retórica racista que mantém os africanos presos à ideia de uma raça corrompida e condenada à extinção. Todavia, e talvez nisto recaia a sua maior importância, *O Coração das Trevas* abre “a caixa de ferramentas do Imperialismo”: as canhoneiras, ferrovias e o navio a vapor; as espingardas, rifles, carabinas e uma “nuvem de retórica kiplinguiana” atribuída a Kurtz. A intertextualidade entre Kipling e a obra de Conrad não é a única apontada por Lindqvist. *O Coração das Trevas* se desenrola num mundo literário habitado por Henry James, Stephen Crane e Ford Madox Ford, mas acima de tudo, H. G. Wells e Robert B. Cunninghame Graham.

Se a retórica imperialista da frase “exterminem todos os malditos” foi processualmente construída pelo “mundo literário” e midiático do período, é a partir da legitimação de um conhecimento científico que Lindqvist demonstra a consolidação de uma epistemologia

compartilhada. Não é possível afirmar o que veio antes: os interesses na acumulação de capital definiram agendas para as pesquisas científicas assim como o conhecimento científico foi empregado para legitimar o racismo e o Imperialismo. Os homens de ciência do século XIX interpretaram o destino das “raças inferiores” à luz das teorias evolucionistas, em especial, a de Darwin, gerando uma perspectiva que entende a expansão territorial imperial como um processo biologicamente necessário e que leva inevitavelmente à extinção das mesmas. A hegemonia desta ideia é explicada por Lindqvist através da própria recepção de *O Coração das Trevas*. Marlow, personagem impregnado pela experiência de Conrad no Congo, não precisou descrever ou provar os crimes de Kurtz. O senso comum de que o genocídio é o subproduto inevitável do progresso é a pressuposição fundamental do livro de Conrad. Os leitores do período apenas utilizaram a fantasia para expandir os detalhes sinistros que o romance insinua – mais uma sugestão de como as tecnologias de mídia e suas materialidades específicas criam, de fato, a imaginação e a memória individuais e coletivas.

Perto da conclusão, Lindqvist avança com a ideia de que foi sob a epistemologia imperialista em questão que a geração do final da década de 1890 – da qual pertence Hitler, nascido em 1889 – foi criada. Apesar da Alemanha ter entrado tardiamente na competição imperial, sua curta política colonial seguiu o protocolo “*exterminem todos os malditos*”. Vejamos o extermínio dos Hereros pelos alemães no Sudoeste Africano (hoje Namíbia) em 1904. Amplamente divulgado como um “sucesso” na metrópole, para o autor este foi um momento de subjetivação entre os que se entendiam como alemães brancos. Dos Herero restaram poucas centenas condenadas ao trabalho forçado em “campos de concentração” – foi assim que a expressão entrou para o idioma e a política alemães. Em suma, Lindqvist incorpora em seu livro a teoria do “bumerangue colonial”, desenvolvida em nuances diversas por autores como Arendt (1951 [2012]), Césaire (1955 [1978]) e Foucault (1975-76 [2012]), para sugerir não ser possível compreendermos totalmente a campanha nazista na Europa Oriental sem termos em mente que Hitler imaginava uma guerra colonial. A busca pelo *Lebensraum* (espaço vital) – conceito que, segundo o autor sueco, surgiu na Alemanha em 1897 – tem raízes profundas na história do colonialismo europeu e na consolidação de uma apreensão racista do mundo e das multiplicidades humanas. Por fim, Lindqvist é cirúrgico ao chamar atenção para a forma como a hegemonia de um poder/saber colonial organizou a produção de conhecimento histórico sobre a *Shoah*. Apesar do importante debate historiográfico do final do século XX a respeito das similaridades e diferenças entre o extermínio dos judeus e assassinatos em massa prévios, poucas análises aprofundaram a conexão entre a *Shoah* e as ideologias e tecnologias genocidas do Imperialismo europeu – a palavra “genocídio” ainda não existia, mas a prática, como o livro demonstra, sim.

O sentido da História em *Exterminem Todos os Malditos* é benjaminiano. Vemos “raças” se devorando em nome do “Progresso, da Civilização, do Socialismo, da Democracia e do Mercado”. Vemos o acirramento de uma condição que levou as nações europeias à beira da autodestruição. Apesar do “choque” da Grande Guerra, ignorada por Lindqvist, ter anunciado a catástrofe que se seguiria em solo europeu – o período de 1914-1945 pode ser pensado

como a longa "guerra civil europeia", como o faz Enzo Traverso (2009) –, são os sonhos da Alemanha nazista e o Holocausto que representam para o autor a estação final de uma estrada sombria iniciada com a ocupação da América colonial e os primeiros assassinatos nativos. Porém, a retórica de "exterminem todos os malditos" está viva, e o livro convida os leitores a constatar este fato assustador. Ela persiste não só nas ideologias das direitas radicais e dos reavivamentos neofascistas e declaradamente racistas, mas no nosso senso comum, na produção de medo aos nossos "inimigos internos" e na organização de um *ethos* da branquitude. E se aquilo que acontece quando chegamos no coração das trevas voltar a se repetir, seremos capazes de reconhecer desta vez?

Referências

ACHEBE, Chinua. An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'. *The Massachusetts Review*, Massachusetts, v. 57, n. 1, p. 14-27, 2016.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Augusto Sá da Costa, 1978.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LINDQVIST, Sven. *Exterminem todos os malditos: uma viagem ao coração das trevas e à origem do genocídio europeu*. Tradução por Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Fósforo, 2023.

TRAVERSO, Enzo. *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Valência: Ed. Universidade de Valência, 2009.